

Ubiracy de S. Braga

Doutor em Ciências pela ECA/USP,
professor visitante do Mestrado em
Sociologia da UFPB – Campus II.

Livro é magistral na análise das relações de gênero no Brasil

Estamos numa época em que é muito difícil *sentir e pensar*, compreender e explicar o mundo de forma linear. De modo geral, as dúvidas e incertezas colocam-se acima de tudo, se o que presenciamos é realmente *novo*, ou, se apenas *novo* o olhar que o presenciamos. A fabulação também pode ser um modo de apanhar o espírito do tempo, como na literatura, em Baudelaire, a modernidade “é o transitório, efêmero, contingente”, ou na *Sétima Arte*, em que Kurosawa em seu *Madadayo* (1993) realiza o *self* contrariando a tese segundo a qual detemos a infância quando caminhamos para a morte.

O fetichismo é uma fabulação do dia-a-dia na vida de todos e cada um. Ele se cria e recria na trama das relações sociais, descolado, naturalizado, reificado, como reitera Ianni em sua conferência *A Sociologia e o mundo Moderno* F.F.L.C.H./USP: 1998). *Ipsa facto* é fácil admitir com Fritjof Capra em *O Ponto de Mutação* que “os principais problemas de nosso tempo... são todos eles facetas

diferentes de uma única crise, que é essencialmente uma crise de percepção. É neste sentido que Giddens, em *The Consequences of Modernity* (1991) considera que “no coração do mundo da ciência sólida, a modernidade vagueia livre”. No século dos extremos ou das ilusões perdidas, para lembrarmos de Hobsbawn, foram destruídos todos ou quase todos os seus *emblem*s. Além disso, em todas as nações e nacionalidades a *etnicidade* é a causa mesma da “desagregação social”, com o esgotamento da invenção do Estado, posto que a consciência étnica está realmente em ascensão, em todo o ecúmeno, como uma força política.

Sociologicamente falando, estes problemas estão associados ao que entendemos por “regresso das identidades”, na expressão de Boaventura de Souza Santos, construídos e inseridos mais ou menos profundamente nas guerras e revoluções, nas lutas pela descolonização, nos ciclos de expansão e recessão das economias, nos movimentos de mercado da

força de trabalho, nas migrações, nas peregrinações religiosas etc., do vasto cenário como pode ser visto às portas do 3º Milênio. Estes desencontros próprios, essencialmente construídos na *fronteira da humanidade*, há muito estudado por José de Souza Martins, é também situação que é *limite do humano*, limite e fim de mundo, que parece impor-lhes a necessidade de deslocar para *imaginários* mais profundamente estabelecidos na busca de sentido para a vida nos confins do humano (Cf. *Fronteira*, 1997).

O livro que ora apresentamos ao público, *Lampião – o homem que amava as mulheres. O imaginário do cangaço* (São Paulo: Annablume, 1997; 220 páginas) de autoria de Daniel Lins, sociólogo, filósofo e psicanalista, professor e pesquisador do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC) é versão modificada da Tese de Doutorado de Estado, apresentada na Universidade de Paris VII, Jussieu, em 1993 intitu-

lada: *Liminaire de l'ordre et de la violence au Brésil: étude d'un cas – Lampião et le Cangaco*. Daniel reivindica como pesquisador nordestino do imaginário, sua vinculação ao campo das temporalidades e dos acontecimentos, da cultura e da subjetividade, ou seja, o autor quis “enveredar o do ponto de vista da teoria e da apreensão de seu objeto –, tanto no campo dos discursos quanto na estrutura das práticas históricas, buscando encontrar nos “fatos históricos” os “resíduos” colados aos personagens”.

Ele trata da vida de Virgulino, que como outras crianças sertanejas da época, alimentava-se, para organizar seu mundo secreto, da fantasia e dos gestos de bravura de cangaceiros, guerreiros da caatinga – heróis que desafiavam a vida e riam da morte –, e de “santos”, “beatos”, “fanáticos”, nômades de Deus, como se os camponeses recorressem ao que parece ser o arquétipo do confronto com o desconhecido, com a natureza, com o outro e, sobretudo, com o próprio limite do humano através da experiência da vida e da morte. Trata também do *amor* e do *enamora-mento*. Ao nomear Maria Déa “Santinha”, Lampião reviveu, à sua maneira, o seu primeiro amor. “Ao penetrar os “olhos verdes de Santinha” e ao exclamar Bonita!, Lampião engendrou a poesia. A partir de uma exclamação em forma de êxtase, “Santinha” vai se chamar Maria Bonita! Como seu amado Lampião, Maria vai nascer de uma exclamação”.

Do ponto de vista da análise social, é um elogio ao amor e ao enamoramento instituído por e através do *imaginário da mulher e do cangaco* em geral, tendo como background “a desforra simbólica dos pequenos contra os grandes e, sobretudo, a imposição de uma nova ordem amorosa, produção peculiar da cultura pobre, num universo controlado, pensado e trabalhado por aqueles que têm o monopólio do capital, simbólico, lingüístico, jurídico ou cultural”. Isto quer dizer para o autor que “no contexto da sociedade sertaneja o cangaco fez eclodir uma economia libidinal de relação erótica, de amplos orgásticos e de romance amoroso, diferentemente da relação de reprodução ou prostituição à qual a maioria das mulheres estava confinada”, ou como denominou recentemente Dimenstein, “Meninas da Noite” (1994). Nesta fábula de solidariedade humana, nos confins do humano, este novo momento da década de 1930 – de desforra *simbólica* dos pequenos contra os grandes –, põe em xeque o controle do poder patriarcal sobre as *relações de gênero*, e ainda, questiona a associação dogmática do amor com o casamento e com a maternidade e, paradoxalmente, com a noção de que a *família* é a base de tudo.

Na teoria, o autor aproxima-se do *modus vivendi* dos *historiadores dos imaginários coletivos*: “eles procuram o espanto, a surpresa, a singularidade – e não o singular – numa multiplicidade de lugares da história, do mito e da ficção”. Avizinha-se da antropologia social

expressa por Marx Augé, que trata no presente da questão do outro, numa relação de alteridade “porque toda representação do indivíduo é, necessariamente, uma representação do vínculo social que lhe é consubstancial” (Nonlieux – *introduction à une anthropologie de al surmodernité*, 1992).

A postura epistemológica, base da interdisciplinaridade nas ciências, manifesta sua unidade através de uma ampla gama de hábitos metodológicos e habilidades técnicas: é o caso do entrecruzamento das “versões recolhidas por Aglae de Oliveira, pelo padre Frederico Maciel acoplando-as às minhas pesquisas de campo e, sobretudo, ao imaginário de dezena de informantes com os quais dialoguei, não só na caatinga, como também no agreste açucareiro”. Ou seja, fica assim sugerido a análise “não apenas das respostas fornecidas pelos entrevistados, mas também através da imagem que cada um tem de Maria Bonita e, por amálgama, de Lampião, incorporada na fala do “informante”.

Enfim, para sermos breves, Daniel Lins retoma um tema da atualidade em suas origens: a condição social das camponesas, “prisioneiras e escravas de senhores perversos”. Ao aceitar as mulheres, afirma o autor, Lampião subverteu, uma vez mais, a norma social, ignorou a tradição do cangaco – confraria de guerreiros machos – e mudou o destino de algumas sertanejas. Além disso, num período em que se sabe, como demonstra José Nilo Tavares, com o seu *Conciliação e radicalização Polí-*

tica no Brasil (1982) que “Getúlio não sabe dar nó em gravata”, no caso de Lampião, apesar do silêncio dos biógrafos pode-se afirmar que “o cangaço produziu uma moda aco- plada a uma estética guerreira”. “Lampião, afirma Daniel Lins, cri- ava e costurava eventualmente, seus próprios modelos” ... e estes mode- los “tão bem elaborados pela figu- rinista Pia Nascimento nas suas exposições na Europa, como tam- bém as criações de Zuzu Angel ... lançada com sucesso em Nova York ... através do símbolo do inconfor- mismo, criaram a moda política”, hoje tão bem estudada por Valerie Steele em *Fetish – Fashion, Sex & Power* (New York: Oxford University Press; 1996).

Finalizando, do ponto de vista do estudo das relações de gênero no Brasil e da particularidade da origem societal do sertanejo e do cangaço, *é livro* que não fica nada a dever em estudos tais como: *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade* (1995), de Miguel Vale de Almeida; *De la seduction* (1979), de Jean Baudrillard; *Fem- inism as Critique* (1987), de Seyla Ben- habib & Drucilla Cornell (coord); *A Desconstrução do Masculino* (1995), de Socrates Nolasco (org.); *Pleas- ures and Passions – Sexual Culture in Contemporary Brasil* (1991), de Ri- chard G. Parker; *A Classe Operária Tem Dois sexos* (1991), de Elisabeth Souza-Lobo; *A face e o Verso* (1995), de Jurandir Freire Costa; *The Inven- tion of Heterosexuality* (1995), de Jo- nathan Kaltz; *Homens e masculini- dades* (1998), de Margareth Arilha e outras, e *Passions* (1993), de Jacques Derrida, para ficarmos nestes exem-

plos, que de alguma forma servem para *effleureur lá questiona* estudada. Finda a leitura é fácil saber por quê Lampião era o homem que amava as mulheres!

Campina Grande-PB, 21 de maio de 1998